

GRANTA

NÚMERO 10

Revoluções



GRANTA

REVISTA SEMESTRAL

EDITORIA: Bárbara Bulhosa

DIRECTOR: Carlos Vaz Marques

ASSISTENTE EDITORIAL: Madalena Alfaia

PAGINAÇÃO: Pedro Serpa

PUBLICIDADE E ASSINATURAS: Rute Dias

© Mouna Abouissa, Golgona Anghel, Mário de Carvalho,
Isabela Figueiredo, Jen George, Milan Kundera,
Susana Moreira Marques, Rui Cardoso Martins,
Pola Oloixarac, Andrei Platónov, João Tordo

© ensaio fotográfico de Alfredo Cunha

© ilustrações de Cristina Sampaio

© capa de André Carrilho

Publicado sob licença de Granta Publications,
12 Addison Avenue, London W11 4QR

© 2017, Granta Publications

© Maio de 2017, Edições Tinta-da-china

ISSN 2182-9136

ISBN 978-989-671-379-9

Depósito legal: 374666/4

1.ª edição: Outubro de 2017

R. Francisco Ferrer, 6A | 1500-461 Lisboa | Portugal
Tels. (00351) 21 726 90 28/9 | email: granta@tintadachina.pt



design dobra • foto João Tuna

de **William Shakespeare** • tradução **Daniel Jonas**
encenação **Nuno Carinhas** • produção **TNSJ**

Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa) 7-17 Dez 2017
Teatro Nacional São João (Porto) 21 Feb – 11 Mar 2018
Teatro Municipal Joaquim Benite (Almada) 17+18 Mar 2018

www.tnsj.pt



Amanhecer inquietante



ÍNDICE

7	Editorial <i>Carlos Vaz Marques</i>	169	A revolução confiscada <i>Golgota Anghel</i>
13	Como escrever sobre a revolução <i>Susana Moreira Marques</i>	179	Os camaradas e eu <i>Mouna Abouissa</i>
25	Beleza Infinita <i>Isabela Figueiredo</i>	203	Revoluções <i>Jen George</i>
39	Depois de Abril <i>Alfredo Cunha</i>	225	Condições para a revolução <i>Pola Oloixarac</i>
67	Salada russa <i>Rui Cardoso Martins</i>	243	Peanuts <i>João Tordo</i>
109	O Rio Potudan <i>Andrei Platónov</i>	259	Revolução em passando <i>Mário de Carvalho</i>
143	Um Ocidente raptado, ou a tragédia da Europa Central <i>Milan Kundera</i>	266	Autores



14 SET — 18H30
PALESTRA
**A REVOLUÇÃO
RUSSA ACABOU?**
STEPHEN LOVELL

26 SET — 18H
LEITURA ENCENADA
DE POESIA DE VLADIMIR
MAIAKOVSKI (1893-1930)
MAIAKOVSKI
JOSÉ FANHA

23 OUT — 18H30
DEBATE
JOSÉ PACHECO PEREIRA
RAQUEL VARELA
RUBEN CARVALHO
JAIME NOGUEIRA PINTO

29 OUT — 16H
BELÉM CINEMA
IVAN, O TERRÍVEL
[IVAN GROZNY]
DE SERGUEI EISENSTEIN
1944, 1958 / 103 + 80 MINUTOS /
UNIÃO SOVIÉTICA

19 NOV — 17H
CONCERTO
DEPOIS DE OUTUBRO
ORQUESTRA SINFÓNICA
METROPOLITANA
EVGENY BUSHKOV, DIREÇÃO
ANA PEREIRA, VIOLINO
OBRAS DE DMITRI SCHOSTAKOVICH
E SERGEI PROKOFIEV

Da primeira vez que ouvi a palavra revolução tive medo dela. Estava na aldeia dos meus pais por causa da festa de casamento de um tio, uns dias antes. Preparávamo-nos para regressar na manhã em que uma tia velha irrompeu aos gritos pela casa da minha avó anunciando que havia guerra em Lisboa. Já não voltámos nesse dia. Perdi o inesperado feriado escolar, a possibilidade de ver as chaimites nas ruas e os cravos no cano das metralhadoras.

Eu sabia que a guerra não era coisa boa: o noivo da minha madrinha tinha ido para lá e não voltara. Ela ficou de cama durante mais de um mês, num quarto escuro, com as persianas corridas, sem dizer uma única palavra; quando me levaram a vê-la recomendaram-me que lhe desse um beijo e não fizesse perguntas; na penumbra daquele quarto percebi que se pode morrer de tristeza.

O meu tio recém-casado também andou pela guerra e eu ainda tinha na memória os olhares apavorados à minha volta, ao despedir-mo-nos dele, quando partiu da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, em Alcântara. Foi numa manhã quase tão escura como o luto carregado da minha avó. Não tinha morrido ninguém; era luto por antecipação.

Esse meu tio, mais afortunado do que o noivo da minha madrinha, regressou são e salvo. Nem assim a guerra deixou de comparecer ao casamento dele, mesmo sem convite. Durante o copo d'água, onde se serviu bom vinho, um dos rapazes da terra, que estivera em Angola, bebeu demais e descontrolou-se. Dizia-se que voltara doente dos nervos. Armou uma zaragata, de faca em punho, quando começou a ouvir helicópteros sobrevoando a aldeia, porque vinham aí os turcos.

Ao voltarmos para Lisboa, uns dias mais tarde, perdi o medo à palavra revolução. Voltei à escola e descobri a sala de aula em alvoroço.

O meu companheiro de carteira garantiu-me que daí em diante a professora Fernanda já não poderia dar reguadas, como até então.

Naquela sala, eu tinha aprendido a juntar as letras com o senhor presidente do conselho a olhar para mim, do alto de um retrato pendurado por cima da ardósia negra onde a senhora professora (o respeitinho é muito bonito) escrevia aquilo que tínhamos de decorar. Quando alguém era apanhado em falta ou a falar com o colega de carteira, tinha de ir ao quadro e, se não soubesse responder, levava meia dúzia de palmatoadas – era assim que a professora Fernanda dizia.

Constava que havia um truque infalível para que as reguadas não doessem: barrar a mão com uma espécie de molho vinagrete composto de vinagre, azeite, alho esmagado e sal. Parece que com aquela poderosa loção até a régua se partia. Nunca vi a teoria comprovada. Dava pouco jeito andar com mãos untadas para o que desse e viesse. Das duas ou três vezes em que fui chamado ao correctivo, lembrei-me, no momento em que a madeira estalava, deixando-me com os dedos em brasa, que da próxima vez podia trazer a poção mágica num frasquinho, para a usar só na altura própria.

Oh, como era bonito esse tempo. Aprendíamos sem distrações. Na escola número 33 não havia meninas, só rapazes. As miúdas estavam no edifício do lado, e uns tipos mais tontos iam espreitá-las, durante o recreio, enquanto elas jogavam ao eixo num outro pátio, separadas dos rapazes por uma vedação de arame. Eu era do grupo dos bem-comportados: o caixadóculos que ficava sentado a comer o lanchinho trazido de casa. Éramos felizes, então, e Portugal ia do Minho a Timor.

Quando regressei à escola, depois do casamento do meu tio, tudo estava diferente. O retrato do presidente do conselho desaparecera e por cima do quadro preto havia agora um rectângulo branco, denunciando como falsa a brancura anterior da parede, subitamente encardida.

Nessa primeira manhã, na ausência da D. Fernanda, por entre uma agitação invulgar, um professor de bata branca deu-nos uma lição de música. Apresentou-se-nos como professor Branco. Traçou

as cinco linhas do pentagrama, dispôs na pauta improvisada as notas de uma canção e escreveu por baixo os versos que nos ensinou a cantar em coro. Ouvi ali pela primeira vez palavras que não conhecia, como «azinheira» ou «fraternidade». Só muito tempo depois vim a saber que o professor Branco era pai do cantor José Mário Branco, de quem eu nunca tinha ouvido falar.

A minha memória da revolução é assim, pueril: um grito ao amanhecer anunciando guerra em Lisboa entrelaçado com a promessa de que acabou o tempo das reguadas e com uma aula de canto coral. A imagem que me ocorre não tem cravos vermelhos no cano das metralhadoras. Não é também a dos *sans-cullote* a avançarem sobre a Bastilha, nem a do assalto ao Palácio de Inverno, reconstituído por Eisenstein. Essas são revoluções sem nada de pueril. Foram feitas de sangue e fúria. Talvez também de sonhos, mas é frequente os anseios revolucionários envelhecerem mal.

Nesta edição, evocando o centenário da Revolução Russa, revisitamos sonhos e pesadelos, deixando aos historiadores e aos sociólogos a tarefa de interpretarem, com a objectividade possível, as grandes transformações sociais a que damos o nome de revoluções. O que a literatura investiga é de outra natureza: subjectivo, íntimo, ínfimo.

Este número da *Granta* faz-se, por isso, num movimento de pêndulo oscilando entre o particular e o universal, tanto nos textos como nas ilustrações de Cristina Sampaio ou nas fotografias que Alfredo Cunha resgatou do seu arquivo pessoal. No conto de Mário de Carvalho, entre a ironia e o desencanto, *Revolução* já é só um filme sem nada de memorável, projectado num cinemazito de bairro frequentado por «uns poucos reformados [que] aproveitam o remedeio da sala escura para passar as tardes». Isabela Figueiredo põe em cena o lema de Cândido, a famosa personagem de Voltaire, num território que lhe é familiar, a margem sul do Tejo. A última frase do livro mais célebre do filósofo francês sugere que cada um de nós tem o dever de cultivar o seu próprio jardim, o que já seria só por si revolucionário;

e na ausência de jardim, que a revolução se faça em floreiras clandestinas, com «zínias, pelargónios, gerânios, cravos e malmequeres». Também há flores no conto de João Tordo: uma buganvília temporariamente abandonada, num Verão de calor trágico, por causa de uma viagem à Polónia. Revolucionário é também o acto destemido de remexer as cinzas do passado, mesmo correndo o risco de ver desmoronar-se a narrativa familiar; apesar de tudo, é uma história com final feliz: a buganvília sobrevive.

Mas nem só de ficção vive este número da *Granta*. A poeta Golgona Anghel, nascida romena e autora de língua portuguesa, reflecte sobre o modo como o espectro do casal Ceausescu, executado sem julgamento durante a revolução de 1989, ainda assombra a Roménia. Rui Cardoso Martins aproveitou o ano do centenário da revolução bolchevique para uma viagem à Rússia; num duplo sentido: viagem física e viagem literária. A «salada russa» que cozinhou é também uma pequena antologia de páginas extraordinárias, de Gógol a Dovlatov, um nome até agora inédito em português – como escritor e como patrono de um *cocktail* muito apreciado em São Petersburgo (receita incluída). A abrir estas páginas, Susana Moreira Marques interroga-se acerca de «como escrever sobre a revolução» e descobre nessa interrogação que, tentando escrever sobre o passado, está a escrever afinal para o futuro.

A *Granta* é também isso. Sendo todos náufragos no mar revoltado dos nossos dias, vamos lançando mensagens numa garrafa, na esperança de que encontrem quem as decifre – pode ser já ou daqui a muito tempo.

Com este número chega ao fim a *Granta Portugal*. Daqui em diante, será ainda mais vasto o mar a que nos lançamos. Depois destas dez edições, nasce a *Granta Portugal | Brasil*, a editar em simultâneo dos dois lados do Atlântico a partir de 2018. O barco vai tornar-se maior e a viagem ainda mais aventureira; precisamos, por isso, de continuar a contar consigo. ■

Carlos Vaz Marques

AS MELHORES ENTREVISTAS,
OS MELHORES ESCRITORES.

ENTREVISTAS DA

PARIS REVIEW

3

Julian Barnes

John Steinbeck

Emmanuel Carrère

Henry Miller

George Steiner

Elena Ferrante

Dorothy Parker

Alice Munro

Karl Ove Knausgård

Lydia Davis

Susan Sontag

W. H. Auden



JÁ NAS LIVRARIAS

AUTORES

Mona Abouissa nasceu em Moscovo e cresceu no Egipto. É jornalista *freelance*, documentarista e fotógrafa, especializada no Médio Oriente, e vive actualmente no Cairo. Colabora com publicações de vários países: *Le Monde Diplomatique*, *The National* e *CNN*, entre outras.

Golgonah Anghel nasceu em Alexandria, na Roménia, em 1979. É investigadora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Publicou três livros de poesia: *Vim Porque Me Pagavam* (2011), *Como Uma Flor de Plástico na Montra de Um Talho* (2013), *Nadar na Piscina dos Pequenos* (2017).

André Carrilho nasceu em Lisboa, em 1974. É ilustrador, cartoonista, caricaturista e designer. Multipremiado nacional e internacionalmente, ganhou em 2002 o prestigiado Gold Award, atribuído pela Society for News Design (EUA). O seu trabalho aparece em publicações como *New York Times*, *New Yorker*, *Vanity Fair*, *Harper's Magazine* e *Diário de Notícias*. Já expôs em vários países: Portugal, EUA, França, Espanha, China e Brasil.

Mário de Carvalho nasceu em Lisboa, em 1944. Escritor e advogado, participou nos movimentos estudantis e na resistência organizada à ditadura. Esteve preso, sendo sujeito a privação do sono e condenado a dois anos de cadeia. Esteve exilado na Suécia, regressando a Portugal após a Revolução de 25 de Abril. Tem uma obra literária longa (romance e novela, conto, teatro), traduzida em várias línguas e reconhecida com muitos prémios literários. O seu romance mais premiado é *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*, de 1994; a obra mais recente, *Ronda das Mil Belas em Frol*.

Alfredo Cunha nasceu em Celorico da Beira, em 1953. Iniciou-se no fotojornalismo em 1971, no jornal *Notícias da Amadora*. Foi fundador do *Público*, fotógrafo oficial do presidente da República Mário Soares, colaborou com os principais órgãos de comunicação social portugueses e trabalha agora como *freelancer*. Tem vários livros publicados. Destacou-se como autor de algumas das fotografias icónicas do 25 de Abril.

Isabela Figueiredo nasceu em Moçambique, em 1963, de onde saiu, em 1975, após a independência da ex-colónia portuguesa. Começou a escrever no suplemento *DN Jovem*, do *Diário de Notícias*, em 1981. Publicou *Conto É Como Quem Diz* (1988), *Caderno de Memórias Coloniais* (2009; ed. revista 2015) e *A Gorda* (2016). Foi jornalista. É professora de Português.

Jen George nasceu na Califórnia e vive em Nova Iorque. Colabora como ficcionista em várias revistas – *Harper's*, *BOMB*, *Paris Review* – e também já trabalhou como atriz e realizadora. Em 2016, lançou o seu primeiro livro, *The Babysitter at Rest*. Não está publicada em Portugal.

Milan Kundera nasceu em Brno, na antiga Checoslováquia, em 1929, e tem nacionalidade francesa desde 1981. Autor de romances, ensaios e poesia, a sua obra mais consagrada é *A Insustentável Leveza do Ser* (1984). Tem dezenas de livros publicados em Portugal: *O Livro do Riso e do Esquecimento*, *Jacques e o Seu Amo*, *Aváls do Adeus*, *A Arte do Romance*, *A Festa da Insignificância*, entre outros.

Susana Moreira Marques nasceu no Porto, em 1976, e é escritora e jornalista *freelance*. Actualmente, é cronista na Antena 1 e colaboradora do *Jornal de Negócios*. O seu trabalho tem aparecido em inúmeras publicações nacionais e internacionais, e recebeu vários prémios de jornalismo. O seu primeiro livro, *Agora e na Hora da Nossa Morte* (2012), foi traduzido para inglês e sairá brevemente em francês. Vive em Lisboa.

Rui Cardoso Martins nasceu em Portalegre, em 1967. Escreveu quatro romances, nomeadamente *Deixem Passar o Homem Invisível* (Grande Prémio APE 2009). As crónicas reunidas nos volumes *Levante-se o Réu* e *Levante-se o Réu Outra Vez* foram distinguidas com o Grande Prémio de Crónica APE e com dois prémios Gazeta de jornalismo. Foi co-autor dos programas de televisão *Contra-Informação* e *Herman Enciclopédia* e dos espectáculos teatrais *Conversa da Treta* e *António e Maria*. Escreveu o guião dos filmes *Zona J* e *Em Câmara Lenta*. Está traduzido em diversas línguas.

Pola Oloixarac nasceu em Buenos Aires, em 1977. Estudou Filosofia, é escritora, tradutora, e publica artigos sobre arte e tecnologia. O seu primeiro romance intitula-se *As Teorias Selvagens* (2011). Foi distinguida pela *Granta*, em 2010, como uma das melhores jovens escritoras de língua espanhola.

Andrei Platónov (1899-1951) nasceu numa vila russa e morreu na obscuridade. Foi apoiado por Gorky e partidário da Revolução de 1917, mas acabou rejeitado por Estaline e pelo regime. Trabalhou como engenheiro electrotécnico e como correspondente na Segunda Guerra Mundial. Em Portugal foram publicados os livros *A Escavação* (2011) e *Djan ou a Alma* (2012).

Cristina Sampaio nasceu em Lisboa, em 1960. Trabalha há mais de vinte anos como ilustradora e cartoonista para diversos jornais e revistas. Entre 1990 e 1999 foi responsável pela secção de infografia do *Público*. As suas ilustrações foram apresentadas em várias exposições individuais e colectivas, e premiadas em Portugal e no estrangeiro. Tem trabalhado também em cenografia, multimédia e animação.

João Tordo nasceu em Lisboa, em 1975. Publicou dez romances, nomeadamente *As Três Vidas* (Prémio José Saramago 2009). Recebeu a distinção GQ — Homem do Ano na categoria Literatura em 2014. Alguns dos seus livros estão publicados em diversos países, entre eles França, Alemanha, Itália, Hungria, Croácia ou Brasil.

A Granta foi
composta em caracteres
Plantin e impressa na Guide, Artes
Gráficas, em Arcoprint Milk de 85 g e
X-Per Premium White 120 g, em Setembro de 2017.

